

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, MARÇO/2001- ANO V - Nº 50

EDITORIAL

O país acompanhou, por dois anos, o calvário por que passou o Governador de São Paulo, Mário Covas Filho, durante sua luta para tratamento de um câncer. Durante esse período, pudemos conhecer uma faceta de um homem público íntegro que, corajosa e serenamente, lutou contra essa grave enfermidade. Sua morte, ocorrida dia 06-03, provocou consternação e comoção nacional, conseguindo aglutinar, durante suas exéquias, políticos das mais diferentes ideologias, que reafirmaram sua importância política e sua fé na democracia, no estado de direito e na justiça. O Brasil perdeu um de seus valiosos políticos e São Paulo perdeu um de seus maiores governantes. Mário Covas teve sua trajetória na vida pública marcada como exemplo de humanidade, dedicação, trabalho, coragem e intensa determinação.

Construiu, ao longo de muitos anos, a imagem do político ético, consciente e honesto, comprometido com o interesse público. Importante registrar suas palavras: "Fazer política é uma coisa muito simples, apesar de muitas pessoas pensarem o contrário. Para mim, política é cultivar os valores da verdade, da liberdade, da honestidade, do caráter." Virtudes estas raras numa época em que os políticos são vistos como espertos ou corruptos e que a pequenez impera nas fileiras partidárias, que por meio de acordos espúrios e troca de favores por votos ou promessas vãs, busca-se o poder pelo poder. Mário Covas, ao contrário, foi exemplo de político que se elegia tendo por objetivo a defesa do interesse público. São Paulo perde um administrador honesto e eficiente. Fica na memória de todos o exemplo de coragem, dignidade, determinismo e coerência. Fica para as futuras gerações o ensinamento de esperança e fé no país. Ele fará falta no cenário político nacional. Que os novos políticos se espelhem na imagem de Mário Covas, que sempre trabalhou em prol da comunidade, sem nunca ter perdido de vista a importância de seu papel social exercido ao longo dos anos, de maneira ética. Mário Covas foi um homem comum que, com dignidade, conduziu o estado de São Paulo, deixando-nos um exemplo de patriotismo.



Foto José Vicente Coelho

A partir da esquerda: D. Fernando Figueiredo, Bispo de Santo Amaro, D. João Hipólito, agora Bispo Emérito de Lorena, D. Eduardo, D. Aloísio Lorscheider, Cardeal Arcebispo de Aparecida e D. Cláudio Hummes, Cardeal Arcebispo de São Paulo.

Vida sim, drogas não!

Cresce assustadoramente o consumo de drogas em todo o mundo. Os problemas dele advindos estão assumindo proporções catastróficas: violência, roubos e mortes. A grande maioria dos crimes e prisões tem a ver com o consumo de drogas e álcool. A sociedade assiste, inerte, à perda de seu capital mais precioso, que é a juventude, e não há como diminuir seus estragos, a menos que seja realizado um trabalho sério de prevenção em cada família. Todo cidadão deve assumir a responsabilidade de ajudar na eliminação desse mal.

Desta forma, a CNBB deu início, no dia 28 de fevereiro, à Campanha da Fraternidade deste ano, cujo tema "Vida sim, drogas não", tem por "...objetivo geral mobilizar a comunidade eclesial e a sociedade brasileira para enfrentar corajosamente o grave e complexo problema das drogas, que arruina milhares de vida e afeta profundamente a paz social." (texto base CF2001)

O tema desta campanha é bastante delicado e sério. Somos chamados a prestar atenção às situações de vida nas quais esteja presente o consumo de drogas de quaisquer tipos, sejam as chamadas legais, como o álcool e o fumo, sejam também as proibidas por lei.

A questão das drogas, hoje em dia, diz respeito a todas as pessoas, sejam elas usuárias e parentes de dependentes ou não. A prevenção, que é a chave para o equacionamento desse grave problema, começa em casa.

Estatísticas indicam que 80% dos viciados em drogas têm graves problemas familiares. E está aí o início da solução do problema.

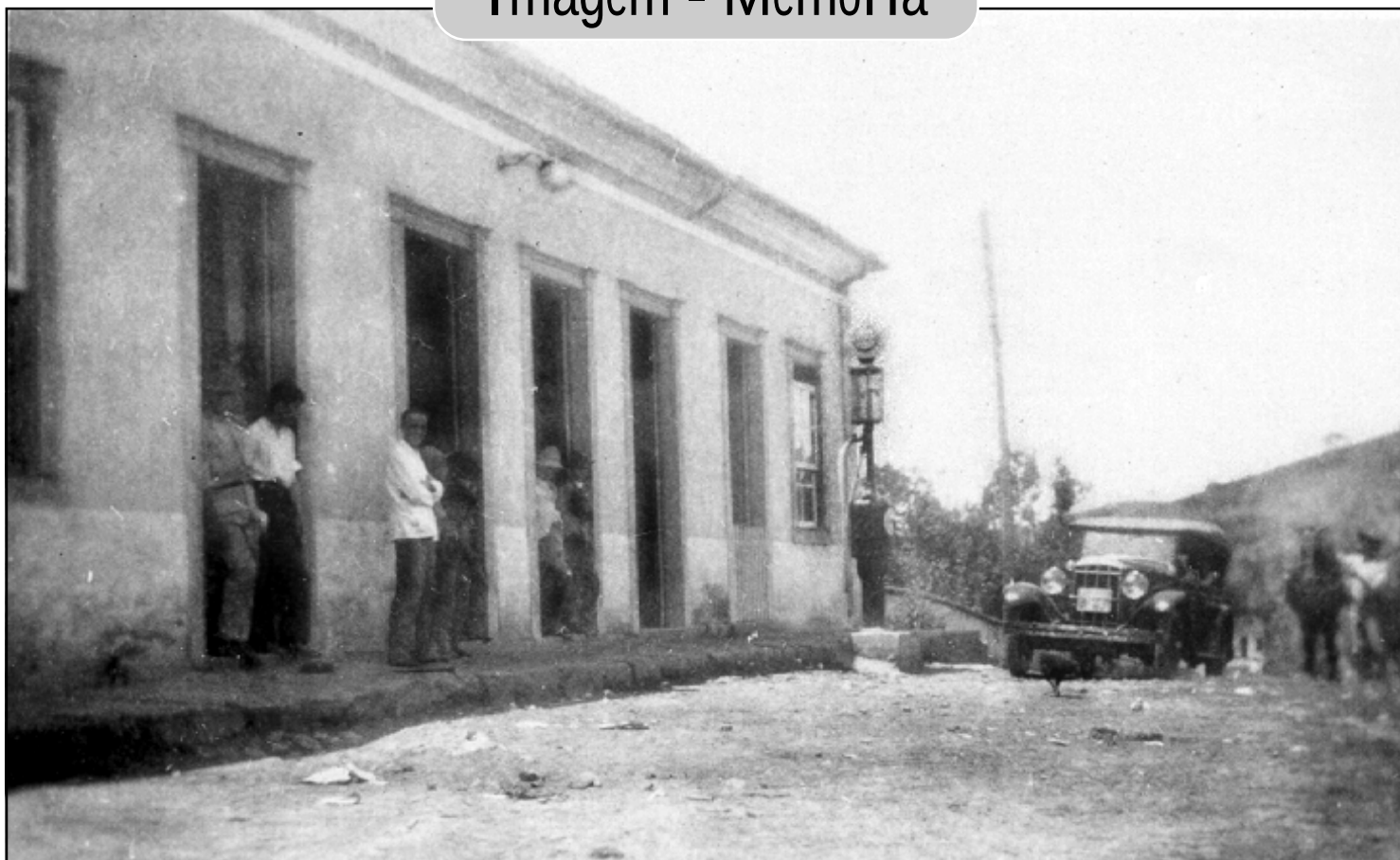
O espírito comunitário que norteia nossas cidades deverá ser incentivado por meio de ações preventivas: resgatar e fortalecer a família e, com ela, trabalhar a prevenção, que deverá acontecer paralelamente nas escolas, nas igrejas e no trabalho, buscando tratar bem os filhos, educá-los para a liberdade responsável, ministrando-lhe uma educação cristã.

Por outro lado, a sociedade deverá proporcionar aos jovens instrumentos que colaborem para o seu crescimento enquanto cidadãos: saúde, educação, emprego, esporte e lazer - direitos constitucionais que passam longe da realidade de nossos adolescentes. É importante, também, que se dê voz aos nossos jovens, de maneira que eles possam efetivamente participar do dia-a-dia da cidade. A ociosidade, aliada à falta de objetivos, faz com que o jovem se torne alvo dos traficantes e presa fácil para as drogas.

A Campanha da Fraternidade tem o mérito de abrir a discussão para um problema que aflige milhões de famílias. Abordar o álcool e as drogas sob um olhar cristão é, no mínimo, reduzir o preconceito e o estigma que pesam sobre os dependentes.

Para superar o problema da toxicomania só há uma maneira: a educação dos filhos no seio de uma família, com princípios morais elevados.

Imagem - Memória



Antiga residência e armazém do Cel. Luiz Francisco Relvas, na década de 30. Em terreno contíguo ao estabelecimento comercial erguia-se um movimentado rancho para tropeiros. À direita, a primeira bomba de gasolina de Piquete. O prédio, ainda hoje existente, localiza-se na Rua Cel. Luiz Relvas, propriedade do Sr. Gabriel Benfica Nunes.

Foto arquivo Pro-Memória

Nossos estabelecimentos comerciais

Nas décadas de 20 e 30 Piquete tinha um comércio incipiente: poucos armazéns de secos e molhados, uma casa de carnes, uma farmácia de manipulação, duas padarias e três ou quatro botequins.

Cada um desses estabelecimentos comerciais se destacava com um tipo de mercadoria. O boteco do Sr. José Vaz (onde se localiza o armazém do Vicentão) era muito procurado por causa dos pastéis e bolinhos de carne, “apimentados”, receita de D. Antônia, sua esposa.

Pamonha de milho verde, pé-de-moleque e bananas de todas as qualidades eram as especialidades do botequim do Sr. João e D. Marica Roque, nas esquinas das ruas Dr. Américo Brasiliense e Cel. José Mariano.

No alto da velha matriz a atração do botequim do Sr. Arlindo e da D. Maria eram principalmente as enormes cocadas de leite, tão grandes que lembravam rodas de carro.

Originais pela sua confecção em forma de aros entrelaçados e formando enormes correntes eram os apreciados biscoitos de tapioca feitos por D. Sinhá (esposa do Sr. Constantino Garcia) e expostos nos portais de entrada para atração da freguesia. Esse botequim ficava onde hoje está localizada a venda do Sr. Geraldo Gonçalves.

Os armazéns de secos e molhados seriam os supermercados da época, pois vendiam tudo o que se possa imaginar: cereais, bebidas, carnes, bacalhau, frutas, legumes, querosene e miudezas em geral. Apenas não possuíam caixas registradoras. Os gastos eram anotados no “livro borrão” do proprietário e nas cadernetas dos fregueses, para pagamento no fim do mês.

Na Vila de São José havia um armazém que vendia até fogos de artifício. Os irmãos Joaquim e Francisco Serafim Machado, com armazém onde está instalado hoje o Cartório de Registro Civil, por serem sitiantes e criadores de suínos, especializaram-se na venda diária de carne e miúdos desses animais, inclusive uma deliciosa linguiça artesanal.

O maior estabelecimento comercial da época pertenceu inicialmente ao Cel. Luiz Relvas e, posteriormente, a dois sócios: os portugueses Manuel Ribeiro e José Paz. Parecia um hipermercado, pois além dos artigos de secos e molhados havia anexa uma loja de armarinhos e uma seção de material agrícola e peças de selaria.

Tudo igualmente na base dos “fregueses de caderneta”, sujeito a possíveis enganos nos assentamentos dos gastos e respectivas devoluções quando reclamados pelos fregueses.

Registro aqui um desses “enganos” acontecidos na conta mensal de minha família. Meu pai fora comerciante, mas agora era funcionário público federal. Freguês de caderneta, ao conferir os gastos do mês, viu que estava anotada a compra de um arreio. Ao reclamar a despesa indevida, um dos sócios cancelou a dívida, desculpando-se com a seguinte explicação: “Sr. José, acontece que foi vendido um arreio, mas como me esqueci de anotar o nome do comprador, resolvi colocar o valor do arreio na caderneta de todos os fregueses, para devolução posterior àqueles que reclamassem, como o senhor está fazendo”.

Desculpa esfarrapada que apenas explicou mas não justificou, pois é provável que um outro freguês não verificasse o “engano” e acabasse pagando o preço de um arreio que não comprara (“*Si non es vero, es bene trovato.*”)

Hoje Piquete conta com um razoável e bem diversificado comércio, compreendendo supermercados, armazéns, lojas de armarinhos, padarias, casas de material de construção, drogarias, distribuidoras de aves, papelerias, fotógrafos, casas de carne, mercearias, mercadão, feiras livres, casas de móveis, bares, lanchonetes, alfaaiatarias, casa funerária, despachante policial, barbearias, além de consultórios médicos e odontológicos, escritórios de advocacia e laboratórios de análises clínicas.

João Vieira Soares

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 97

Diretor Geral:

José Palmyro Masiero

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (012) 556-1192 / 556-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editores: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino G. Dias Júnior

Tiragem: 1.000 exemplares

A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados

GENTE DA CIDADE**Deolinda Peixoto**

Deolinda Peixoto Ferreira nasceu em Piquete, em 4 de abril de 1921, filha de Antônio Francisco Peixoto e Durvalina Magalhães Peixoto, que tiveram ainda mais 5 filhos.

Recorda-se, com carinho, de sua infância: de sua casa, que ficava próxima ao local onde hoje fica o Estádio do Estrela. Foliona, adorava carnaval, tendo participado do Bloco “Flor do Indaiá” desde criança. Tem saudades da antiga geografia da cidade, do leito dos rios Sertão e Benfica, que, segundo ela, formavam uma grande “praia”, próxima ao ponto onde hoje se encontra a sede da Fundação Christiano Rosa.

D. Deolinda iniciou os estudos no Grupo Escolar de Piquete. Devido “... à mentalidade da época, em que a mulher deveria ser educada apenas para casar...”, parou por aí. Sente saudades do Diretor, Aureliano Gomes dos Reis, das professoras Alcina, Celencina, Carlinda e Durvalina Brito e dos serventes Arlindo e D. América. De amizades, cita Euclides Ferreira, “... grande amigo...”.

Em 1941, começou a trabalhar no Cine Glória, como bilheteira. Gostava de atender ao público, que fazia fila para as sessões. Passou, depois, à bilheteria do Cine Estrela. Nessa função permaneceu por 15 anos, até que, após concurso público, passou a trabalhar no escritório do Armazém Reembolsável da Fábrica. Dessa época, sente falta das amizades “... leais, retas e dignas...” com Zenaide Camargo, Vicente Reis e Jaime Bangoin.

A vontade de aprender fez com que se matriculasse, já adulta, na Escola Normal, formando-se professora em 1964. Essa não era, no entanto, sua vocação: lecionou por apenas 4 meses; preferiu continuar suas funções na Fábrica, na área administrativa. Passou a trabalhar, então, no Cassino dos Oficiais. Lá permaneceu por 30 anos e é de onde guarda as melhores recordações.

Faz questão de dizer que, “... trabalhava dentro de normas e disciplinas militares...”, e cumpria seus deveres com afinco.



Trabalhou com vários diretores e cita alguns especiais: Gen. Martins, Tabert e Jari.

Nesse intervalo, casou-se, em fevereiro de 1950, com Eny Thiers, com quem teve apenas um filho: Benedito Thiers.

Deolinda, os 80 anos, é uma mulher dinâmica. Confessa que, por vezes, fica triste quando encontra limites para fazer coisas que sempre fez. Morando sozinha, tem saudades do mundo movimentado que frequentou durante boa parte da vida. Da televisão, “... não acompanha novelas...”; fica até tarde assistindo aos noticiários, o que a torna uma pessoa politicamente decidida e muito crítica em relação à situação de Piquete e do país.

Cercada pelos jardins de sua casa “... que eu mesma desenhei...”, curte o casal de netos, adora viajar e “... jogar conversa fora...”. Sua paixão pela natureza e pelos animais faz com que até arranje discussões com crianças “... que insistem em usar estilingues e maltratar os bichinhos...”. Já um pouco cansada, “... natural da idade...”, tem certeza apenas de querer viver bem, feliz e com todos.

Plano Diretor

Em 1997 o Ministério Público de Piquete, em parceria com a Fundação Christiano Rosa, elaborou um trabalho que contou com a participação de representantes de todos os segmentos da sociedade piquetense, bem como de nossas autoridades, visando à elaboração de um diagnóstico dos principais problemas de nossa cidade e a busca de soluções para eles.

Após algumas reuniões e discussões com a população, foram apontados como principais problemas de Piquete o consumo de álcool e drogas, a qualidade da água e o hospital municipal. Todos relacionam-se com a saúde pública. Apesar do diagnóstico, muito pouco ou quase nada foi feito para equalizar esses problemas. Falta um plano diretor que norteie políticas públicas para o município. Ao longo de seus 110 anos Piquete veio crescendo sem planejamento. Suas sucessivas administrações trabalham com o improviso. De maneira empírica, contando com poucos recursos financeiros e humanos, a administração municipal deixa muito a desejar. Sem percebermos, a cidade tem empobrecido, está com aspecto de abandono, ruas esburacadas, ribeirões fedorentos (esgoto a céu aberto), monumentos sem reparos, casas sem pinturas, animais transitando pelas ruas, cavalos pastando por logradouros públicos. Falta saneamento básico, questão que é de responsabilidade do governo municipal. O saneamento é um conjunto de ações que visam a controlar doenças transmissíveis ou não, além de proporcionar conforto e bem-estar. Portanto, está vinculado diretamente às condições de saúde e vida da população, caracterizando-se como direito do cidadão. As ações de saneamento compreendem: abastecimento de água - captação, adução, tratamento, reserva e distribuição; esgoto sanitário - coleta, tratamento e disposição final; resíduos sólidos - coleta, transporte, reciclagem e disposição final; drenagem urbana - coleta de águas pluviais, manutenção de cursos de água de pequeno e médio porte e contenção de encostas; controle de vetores e reservatórios de doenças transmissíveis - combate aos agentes transmissores e causadores de doenças como o dengue, malária, febre amarela, xistosa e doença de chagas; saneamento da habitação - instalações de saneamento domiciliar e melhoria da habitação; educação sanitária e ambiental.

Para a solução desses problemas faz-se necessária a elaboração de um plano diretor. Para isto é preciso o empenho do nosso Legislativo, em consonância com o Executivo.

Bloco “O Guarany”, no carnaval de 1931. Ao centro, à esquerda, Deolinda Peixoto.



Foto arquivo Pro-Memória

Nossa Fábrica

1939 – Uma ruptura para o novo

A Fábrica de Piquete, segundo o anuário do Ministério da Guerra – Diretoria do Material Bélico (MG – DMB) datado de 1939, comemorou o 30º aniversário do estabelecimento fabril bélico sob os auspícios de uma nova era promissora. Eram anunciados novos tempos sob a égide da técnica e do progresso. A epígrafe do General Taborda salienta que “A riqueza de um país é fruto mais da potência do saber técnico e da capacidade de trabalho de seus filhos do que de prodigalidade com que a natureza o tenha galardoado.”

Abrindo os trabalhos, um resumo histórico salienta as origens da cidade de Piquete demarcadas na presença de um piquete de cavalaria “bivacado” na pedreira da entrada da Vila de São José, no evento revolucionário de 1842, para guarnecer a raiz da Serra da Mantiqueira, firmando os alicerces da cidade de Piquete, primitivamente “Vila do Vieira” (sic) depois “Vieira do Piquete”. Uma leitura apressada deturpava o conteúdo da citação. O que está sendo dito é que antes já existia o núcleo, mas ainda não “Vila”, pois essa designação somente é válida a partir de 15 de junho de 1891.

Quanto aos primeiros registros do núcleo, oficialmente considerando, a partir do primeiro documento de contagem da população de 1828, a existência foi se concretizando pela instalação de lavouras de abastecimento e muda de animais ao longo dos caminhos de exploração e de tropas junto às fronteiras flutuantes de Minas e São Paulo. Nesse momento falamos de Províncias cujas Câmaras autônomas designavam-se como “repúblicas”, pouco conectadas a um governo centralizado. A Corte Portuguesa, que havia deixado o Rio de Janeiro em 1822, ainda não dera lugar a um país como hoje conhecemos, mas a um território fragmentado, sobre o qual a idéia de Independência só muito mais tarde concretizou-se, diferentemente do que registram os livros didáticos que trabalham com “fatos construídos” da chamada memória nacional.

A 15 de março de 1909 a Fábrica de Pólvora sem Fumaça é inaugurada sob a égide do Ministério da Guerra, preocupado

com os “complexos problemas da Defesa Nacional”.

O Anuário a que me refiro aparece dividido em três partes: a de assuntos gerais, a de colaboração sobre assuntos técnicos e a de Tabelas. Na data do 30º aniversário é Diretor o Cel. José Gomes Carneiro e Sub-diretor Técnico o Ten. Cel. Waldemar Brito de Aquino, e Secretário e Comandante do Contingente de Segurança o Cap. Bibiano Dale Coutinho. Nos cargos técnicos aparecem oficiais na patente de Capitão, e como Chefe da Seção de Construções o Cap. José Pompeu Monte. O espaço aqui disponível não permite nomear todos os ocupantes de cargos de chefia dos grupos de produção, laboratórios e setores administrativos. Implantava-se o 3º Grupo: o da dinamite e pólvora, o da Base Dupla, e este é o fato novo e o evento revolucionário das técnicas. Dois técnicos estrangeiros participam da organização da Fábrica, os engenheiros Edward Von Henning e Orville A. Dafert. Estavam entre os Químicos Diplomados: Juvenal Osório de Araújo Dória, Aluísio Alves de Araújo, Uby de Albuquerque Maranhão, Jorge Benedito Otone e João Duarte Mauro. Eram mestres Benedito Leme, José Corrêa, Eurico Fernandes, Carlos Guimarães, Luiz Gonzaga Meireles, Geraldo Crispim de Castro, Alcides Vilar, Cirilo de Oliveira, Lutgardes de Oliveira, José Capistrano, Manoel Vilar e Brasileiro Augusto de Souza. O chefe do serviço médico – Divisão de Saúde e Higiene Industrial – era o Cap. Médico Dr. Frederico Eisenlohr. O desenhista-projetador era Otávio Cândido Ribeiro e os auxiliares: Antônio da Silva Santos, Dogmar da Costa Ribeiro, Antônio Lucas e Carlos Vieira Soares.

O presente anuário homenageia especialmente o Diretor Cel. Gomes Carneiro por ter realizado os melhoramentos e ampliações de especial registro como as Fábricas de Nitroglicerina, Dinamite e Pólvora de Base Dupla, nova Usina de Oleum, nova Oficina de Fundição, refeitórios, novo Laboratório Químico e Experimental e a instalação de grelhas mecânicas nas



Visita de Getúlio Vargas à Fábrica, em 1939.

caldeiras da Casa de Força para queima de carvão nacional. Em seguida, destacam-se os empreendimentos voltados para o social, segundo o anuário “tão importante para os que vivem isolados e distantes dos centros civilizados”, para a “melhoria das condições de vida social, espiritual e desportiva do núcleo residencial de Piquete”. Entre esses são citados o novo Cassino, dotado de moderno cinema, novas residências para oficiais, Hospital Militar, Farmácia, Gabinete de Odontologia, Parque de Recreação Infantil, Escola Primária, Escola de Alfabetização para operários, Campo de Futebol com iluminação para jogos noturnos, Cinema para operários, Vila Operária, Cantina, Açougue e Alfaiataria.

As homenagens são estendidas aos chefes da construtora das novas Fábricas, o Cel. Luiz Sá Affonseca e os Ten. Coronéis Massou Jacques, Waldemar Brito de Aquino e Capitães José Pompeu Monte e Alfredo Fauroux Mercier.

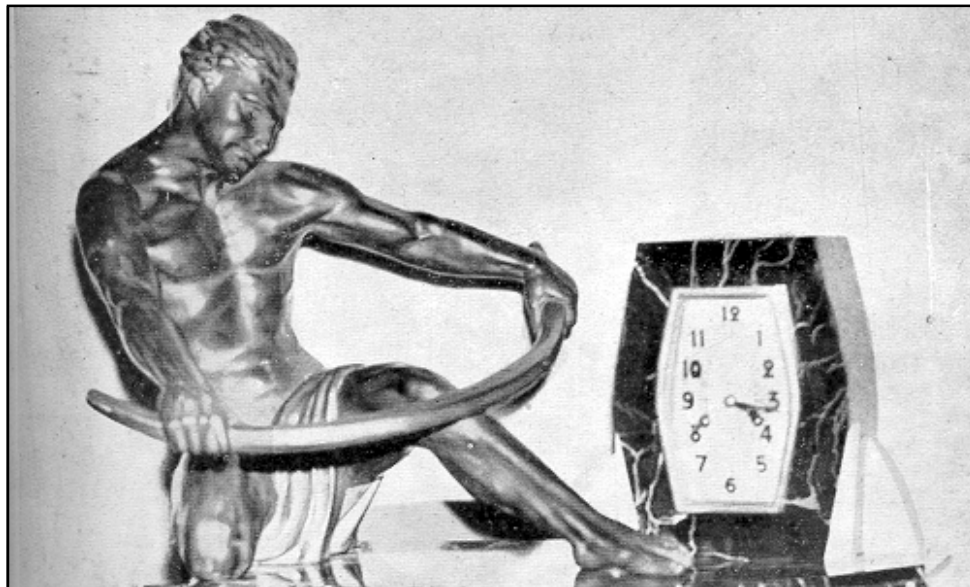
A 17 de julho de 1939, a Fábrica é visitada pelo Presidente da República, Dr. Getúlio D. Vargas, acompanhado de seu Ministro da Guerra, Gen. Eurico Gaspar Dutra. Recebem a comitiva presidencial, entre outros, o Interventor Federal do Estado de São Paulo, o Dr. Adhemar de Barros e a alta hierarquia militar, além da oficialidade da Fábrica, operários, escolares e o povo em geral, todos regozijados. A festa é descrita pormenorizadamente.

O Presidente Vargas inaugura a nova oficina de Base Dupla, e no banquete e recepção noturnos no Cassino dos oficiais, recebe do Cel. Gomes Carneiro um artístico trabalho em bronze e mármore, cujo tema é a força e a técnica contraponteadas por um relógio, signo do tempo. No discurso do Cel. Diretor, o mote enfatiza, na figura humana atlética, a conjugação de todos os esforços para quebrar a resistência do passado, através do tempo, pela continuação do Brasil Novo.

Iniciava-se uma nova era na Fábrica e na vida da cidade.

Dóli de Castro Ferreira

Artístico bronze oferecido ao Presidente Getúlio Vargas pelo Cel. Gomes Carneiro, por ocasião da visita de S. Exa. à Fábrica de Piquete



Reprodução

Do primeiro Presidente da República ao primeiro Prefeito de Piquete

Palmyro Masiero

(continuação do número anterior)

Américo Brasiliense, governador do Estado, manifestou solidariedade ao Presidente Deodoro da Fonseca, que dissolveu o Congresso e pretendeu dar um golpe em 3 de novembro de 1891, promovendo uma ditadura militar no país. Mas, com o contragolpe de 23 do mesmo mês e ano, com a revolta da esquadra comandada por Custódio de Melo, Deodoro renunciou à presidência, assumindo o poder Floriano Peixoto.

Diante desses acontecimentos, Américo Brasiliense caiu e, com ele, todas as Intendências que o apoiaram nessa aventura ditatorial de Deodoro, logo nos alvares da República. Afinada com o Governador, por motivos óbvios, toda a Intendência piquetense foi dissolvida. Com a queda de Américo Brasiliense, assumiu o governo do Estado seu Vice, José Alves de Cerqueira César, até 23 de agosto de 1892.

Em janeiro desse 1892, por ordem do governador, a Intendência lorenense nomeia os novos Intendentes para a Vila Vieira. Tomaram posse, na sessão extraordinária do Conselho piquetense que se despedia, 26 de janeiro, sob a presidência interina do Ten. Antônio Tristão Moreira da Silva, os seguintes cidadãos indicados: Ten. Joaquim Lauro do Monte Claro .Joaquim Antônio Barbosa cap. Antônio Pereira Leite e Eugênio Castel, que foram introduzidos no recinto da Intendência pelos Srs. Antônio Ferreira Júnior e Silvio Pellico da Silva. Após tomarem posse, procederam à eleição da Intendência, recaindo a escolha no Ten. Monte Claro para Presidente e Eugênio Castel para Vice.

Todos os antigos funcionários exoneraram-se dos cargos, tendo os atuais mandatários indicados outros. E, pela primeira vez, surge o nome daquele que seria um grande político de nossa história, em oposição permanente ao Ten. José



Carlos Augusto Alvim Tacques Bittencourt, primeiro Prefeito de Piquete.

Mariano, Cel. Luiz Francisco Relvas, que, assumindo a secretaria da Intendência, declinou de seus vencimentos.

Essa Segunda Intendência não trouxe benefícios ao município; ao contrário. A impressão que fica é a de que ela já vinha com um propósito, para nós escuso. Lorena, não se conformando com mais essa perda de seu território, onde a classe política foi “apanhada de surpresa” com a lei 166, o Intendente indicado por ela para a Vila Vieira, que se elegeu Presidente fez a seguinte indicação na sessão de 25 de abril de 1892:

Indica que se represente ao Congresso do Estado que revogue o decreto que elevou esta localidade à Categoria de Vila.

Tal indicação foi aprovada por todos os componentes da “nossa” Intendência, à exceção do Sr. Eugênio Castel, que justificou sua abstenção por motivo de mudança.

E estava sendo urdida uma grande manobra entre os membros da política lorenense e, como vimos atrás, com o apoio de nossa própria Intendência, para que

voltássemos à condição de Freguesia, conseqüentemente legislada por Lorena.

Em 23 de agosto assume a Presidência do Estado o Dr. Bernardino de Campos. Foi marcado o dia 30 de agosto para eleição de Vereadores em todos os municípios paulistas. E os eleitores inscritos de Piquete responderam ao ato cívico e reconduziram à frente do município seus verdadeiros representantes. Casada com essa eleição votava-se também para Juizes de Paz.

Os vereadores eleitos foram: Francisco Marques de Freitas, Antônio Tristão Moreira da Silva, Carlos Augusto Taques Bittencourt, João Rodrigues Pereira, Francisco Corrêa de Mesquita e Francisco Máximo Ferreira. Para Juizes de Paz, Ten. José Mariano Ribeiro da Silva.

Às 12 h do dia 29 de setembro de 1892, tomavam posse perante a Intendência local, sob a presidência do Cap. Monte Claro, após juramento, os primeiros vereadores de Piquete e Juizes de Paz.

As reuniões da edilidade piquetense passaram a realizar-se na residência do Ten. Mariano, “alugada” para esse fim. A eleição para a constituição da Mesa da Câmara foi realizada dia seguinte, 30, e apresentou o seguinte resultado: Presidente – Carlos Augusto Taques Bittencourt e Vice, Antônio Tristão Moreira da Silva.

Pelo sistema da época, o Presidente da Câmara atuava como Intendente ou seja, o executivo, atual prefeito. Mas essa escolha era indireta; elegiam-se os vereadores e estes o Intendente, que também participava das sessões do legislativo.

Em 1893 mudou o sistema, sendo o Intendente ou Prefeito o supremo mandatário do município, por via indireta; em consequência, a Câmara elegia seu Presidente e Vice.

Foi assim Carlos Augusto Taques Bittencourt, professor e comerciante, o primeiro Prefeito Municipal de Piquete.

Vista parcial da Vila Vieira do Piquete, em 1906. No alto, ao centro, o edifício onde foi instalado o Paço Municipal e a Câmara Municipal.



Crônicas Pitorescas

Tudo azul

Palmyro Masiero

Como tem gosto para tudo, é bem provável que algum aposentado declame: “Ai que saudades que eu tenho do uniforme azul, obrigatório para se trabalhar na Fábrica”. Também existe a turma do vice-versa. Ainda bem que a cor era azul, pois se fosse branca, pouco antes das sete horas da manhã o Portão da Limeira lembraria um bando de carneiros, como no filme de Chaplin.

Creio que essa obrigatoriedade tenha advindo em consequência de uma briga política ocorrida aqui, em 1916, entre o Tenente Resende e o Deputado Arnolpho de Azevedo. Como o caso teve repercussão na imprensa, notadamente na do Distrito Federal, o Ministro da Guerra, General Caetano de Faria, estendeu aos civis da Fábrica a doutrina militar que não permitia a posse e o exercício de cargos de eleições municipais sem prévia licença do Ministério da Guerra. O estopim da crise foi a eleição do Mestre Kantionilho Pauferro para prefeito, derrotando José Monteiro de Brito.

Admitindo que haja partido de um Ato ministerial tal imposição, ele foi seguido à risca, pois só viemos a ter um funcionário da Fábrica em cargo municipal com a indicação, em 1947, de José Geraldo Alves para prefeito interino de Piquete, até a posse do funcionário Luiz Vieira Soares, eleito pelo método democrático em 1948.

Durante muitos anos tivemos desfiles cívicos com todo o operariado uniformizado participando. Enquanto o Contingente vinha impecável, bonito de se ver, o grande “rio azul” passava lento, passos errados, mais dando a impressão de estar passeando ao som da banda. Havia, como sempre, os mais iniciados na arte, conhecidos como “caxias”.

Como o “Piqueteiro” arrastava oito vagões lotados de funcionários, vindos de Lorena, surgiu até uma piadinha na época. Como saíam praticamente de madrugada de casa e retornavam à noite, “não viam os filhos acordados”. Com isso, aos domingos, as crianças indagavam às respectivas mães:

- Mãe, quem é esse homem de azul que todo domingo vem bater na gente?

Piadas à parte, possuo um relato interessante de uma senhora, infelizmente já falecida, que, a meu pedido, descreveu como era Lorena na década de 20.

Contou que pelo ano de 1929, devido à recessão mundial, Lorena, como todo o país – e o mundo – vivia dias periclitantes. O desemprego era quase total, a miséria sombreava por todo recanto e os habitantes sem nenhuma perspectiva maior de vida. Como sempre, a exceção: os que eram empregados da Fábrica, aos domingos, talvez num irrefletido sadismo, passeavam pela praça risonhos, cheios de si, superiores, orgulhosos, ostentando seu uniforme azul impecavelmente passado. Afinal, além de empregados simplesmente, pertenciam ao quadro de funcionários públicos federais. É mole?

Pois é... tudo passou... Foi-se definitivamente o uniforme e hoje, até a Fábrica não se sabe se vai. Não é tão risonha e franca.

Nossa Senhora das Dores

Dóli de Castro Ferreira

Senhora, afetos da memória,
Buscamos vosso beneplácito.
Olhai por esta cidade
Que se vos descortina
Do alto desta colina

Dela, Senhora, somos herdeiros.
Dela, Senhora, somos história.

Estas ruas que vedes desta colina
Daí foram demandadas
Ganhando os fundos dos vales.

Sede bem-vinda, Senhora,
Resguardai-nos em nossa memória.

Ah! Senhora, as nossas ruas
Vindas do outrora,
Quantas pequenas histórias...
Quantos sabores de vidas...

A de São Miguel, a do Piquete,
A do 7 de Setembro
Que não mais existe.
Cedeu seu nome
Como todas as da Monarquia.
Hoje são da República,
Republicana, a cidade tornou-se.
Dessa forma registrou-se,
Referendo de Américo Brasiliense de

/ Melo,

E de José Mariano, e de Joaquim Teixeira
/ Vieira, e de outros, outros...

Muitos outros...

Aí vieram as vilas,
A Fábrica e os operários.
Dos militares da Guarda Nacional
Para os do Exército Brasileiro
Todos presentes e a postos,
As ruas registram e mostram.

Da família primicial
Às da ordem da elite,
Marcando seus privilégios,
Confirmando porque existem.

A do Cel. Mariano,
A do Major Pedro,
A do Major Carlos Ribeiro, a do Cap. José
/ de Brito,

A dos músicos e as dos mestres,
A dos operários e a de São José

Sumiu a da Mantiqueira
Onde está a de São Benedito?
Onde a rua do Mascote?
Ou dos exilados da sorte?
Onde a dos poetas?
Ali é o morro da Juju, na rua Dona Elisa.

Valei-nos, Nossa Senhora,
Que tendes Miguel, o Arcanjo,
Guardião desta colina.
Esteja ele ao vosso lado,
Pois dele é o nome
deste lugar resguardado
E principal apanágio.

Dai-nos o privilégio
De renascer toda manhã
Banhados dos sóis das auroras
Portadora dos anúncios,
Prenúncios dos bons augúrios,
Que a memória não é vã,
Nem sem sentido.
Pois, que seremos nós, sem ela?
Meros corpos que agem,
Espectrais de si mesmos.

Valei-nos, Nossa Senhora,
Dos perjúrios, dos esquecimentos
Que acinzentam nossas lembranças
Angustiado esperanças.
Valei-nos, Senhora nossa,
Da negação dos dias contados
Pelo atestado dado
Nas tumbas dos antepassados,
Provas vivas, no silêncio;
Senão, para que cartórios
Dos registros do passado
Autenticando o presente?

Vós sois mesmo, ó Senhora,
Imagem plena de história.
Registrai no nosso culto
O que passou, e a memória
Se não fora, por que a imagem
Projetada do passado?

Falemos, pois, da memória
Construída como história,
Da qual vós sois, ó senhora,
Prova de júbilo e de glória.

Senhora nossa, valei-nos!
Lá pelas cristas das serras, lá pelos
/ murmúrios das águas,

Lá pelos morros habitados,
Lá pelos bairros afastados,
Lá pelos anseios resguardados,
Lá pelas vontades mudadas,
Debaixo dos céus estrelados.
Aqui, Senhora,
Guardai-nos da injúria do olvido.
Vossos filhos do ontem,
Do hoje,
E de sempre, esperançados,

Amém.

CONCURSO DE JUDAS

A “Sociedade Amigos do Bairro Cel. Monte” estará realizando, no domingo de Páscoa, um concurso de judas. Estarão sendo premiados os 3 bonecos mais originais. Participem.

Façam suas inscrições pelos telefones:

556-1207 ou 556-1616

D. Eduardo Benes de Sales Rodrigues, sétimo Bispo da Diocese de Lorena



Foto José Vicente Coelho

A chegada e recepção, à porta da Catedral de Lorena, pelo Bispo Emérito, D. João Hipólito.

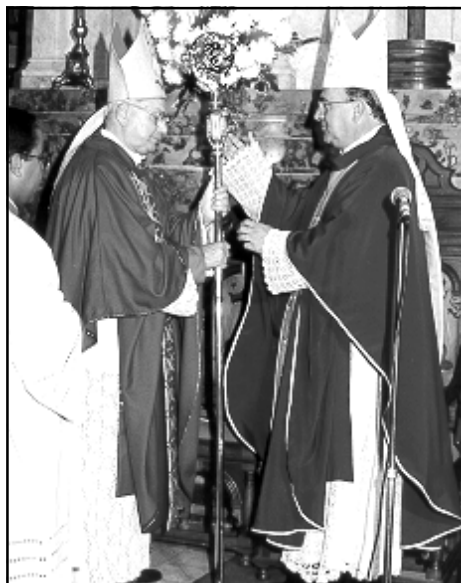


Foto José Vicente Coelho

O momento da transmissão do báculo.



Foto José Vicente Coelho

A Consagração, durante a celebração de sua primeira missa em Lorena.

Aconteceu às 16h do dia 11 de março, na Catedral de Nossa Senhora da Piedade, a posse do sétimo Bispo da Diocese de Lorena, Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues. O novo bispo foi saudado pela população, em carreata, desde a entrada da cidade até sua chegada à catedral. A população católica de Lorena e representantes das 24 paróquias de nossa Diocese compareceram para homenageá-lo. A Catedral ficou pequena para a cerimônia de posse, que foi prestigiada por várias autoridades civis, militares e eclesásticas, entre elas os Cardeais D. Cláudio Hummes, de São Paulo, e D. Aloísio Lorscheider, de Aparecida.

D. João Hipólito, agora Bispo Emérito de Lorena, em suas palavras, se referiu a D. Eduardo como “sangue novo na Diocese”. Foi muito aplaudido em reconhecimento aos vários anos de trabalho apostólico.

D. Eduardo apresentou seu lema “Manso e humilde de Coração”,

ensinamento que herdou de sua mãe, já falecida, homenageada na figura da irmã gêmea, de 96 anos, presente, junto com outros parentes, à cerimônia. Seu discurso de posse nos exorta a viver uma das três virtudes teológicas: a caridade. Dessa forma, a expectativa é que o novo bispo trabalhe em sintonia com a comunidade, no sentido de desenvolver trabalhos sociais, orientando seu rebanho para o voluntariado, tão importante neste ano que foi declarado pela ONU como o Ano Internacional do Voluntariado.

O novo bispo chega num momento histórico para nossa Igreja, uma vez que existe, em toda a Diocese, uma grande expectativa de mudança. Vivemos um novo tempo, em que ações pastorais voltadas para o dia-a-dia da comunidade se fazem necessárias.

Vivamos a caridade e o amor junto à nossa população. De modo especial, a Igreja que, neste ano, seguindo orientação da

CNBB, busca viver uma nova forma de ser Igreja: “Ser Igreja no novo milênio” é um desafio lançado para o povo católico e, certamente, nossa Diocese, tendo à frente o dinâmico D. Eduardo - sangue novo - transformará em realidade essa missão. Resgatando o respeito por nossa história e tradições, importantes momentos para reflexão de experiências cristãs poderão acontecer. O espírito comunitário sempre norteou as ações de nossa comunidade e deverá ser revivido. Como a Igreja dos Atos dos Apóstolos - Igreja de vivência comunitária -, vivamos a caridade, a exemplo de São Francisco de Sales, que proclamava que “o soberano amor está unicamente na caridade”.

Diante da importância histórica deste momento para a Igreja de nossa Diocese, a Fundação Christiano Rosa se coloca à disposição de S. Exa. Reverendíssima, D. Eduardo, para tudo que possa colaborar para o êxito de seu trabalho episcopal.

Piquetenses prestigiando a posse de D. Eduardo: a partir da esquerda: Dr. Antônio Carlos M. Chaves, Diretor da FCR, D. Eduardo, Dr. Luiz Carlos B. Leite, Prefeito de Piquete, Ana Maria de Gouvêa, do Conselho Curador da FCR, Paulo Noia de Miranda, Presidente da FCR e Helena Nogueira, Vereadora.



Foto arquivo Pro-Memória



Foto José Vicente Coelho



Banda de Música da Fábrica de Piquete com seus componentes trajados com o uniforme da instituição. Foto de 1939.

Foto arquivo Pro-Memória

Fábrica Presidente Vargas - 92 anos

A FPV, antiga Fábrica de Pólvoras sem Fumaça, unidade número 1 da IMBEL, comemorou, neste 15 de março, seus 92 anos. São mais de 9 décadas de realizações e de um fecundo ciclo de atividades que impressionam a todos que conhecem um pouco de sua história. Orgulhamo-nos de nossa fábrica, pelas arrojadas conquistas da técnica industrial, iniciada quando de sua inauguração, em 1909, e que foi sendo aprimorada nos anos subsequentes. Os aperfeiçoamentos notáveis introduzidos, quer na aparelhagem de suas dezenas de oficinas, quer no método de manufatura dos múltiplos produtos nela fabricados, evidenciam o esforço patriótico aliado à inteligência construtiva tanto dos administradores como dos operários, empenhados todos no próprio aprimoramento profissional, buscando alcançar para o Estabelecimento o mais alto nível de qualidade e de rendimento de produção.

Paralelamente ao seu crescimento, a Fábrica desenvolveu, a partir dos anos 30,

um surpreendente programa social, com a construção de vilas operárias, saúde, educação, esporte, lazer etc. Essas diversas atividades beneficiaram não só os operários piquetenses, mas também os de Lorena e de outras localidades valeparaibanas.

Nos últimos anos, dificuldades de ordem financeira por que passa a IMBEL/FPV fizeram com que a Fábrica entrasse num período crítico. A atual administração tem buscado soluções para equalizar esses problemas junto ao governo federal. Manifestações por parte do operariado, da comunidade piquetense e de nossas autoridades têm sido feitas, buscando chamar a atenção do Ministério da Defesa e do Governo para o impasse da IMBEL. É bem provável que a empresa, após uma reengenharia, venha a ser reduzida. Apesar das dificuldades, mais um ano é vencido. Ao ensejo desta data, congratulamo-nos com sua administração e operários, desejando votos de êxito nessa batalha que é de todos nós piquetenses.

Parabéns FPV!

Notas da Cidade

□ No dia 10 de março, a Câmara Municipal promoveu uma sessão solene pelo Dia Internacional da Mulher, comemorado no dia 08-03. O evento contou com a presença da Dep. Federal Zulaiê Cobra, que proferiu palestra sobre a mulher. Foram homenageadas 6 personalidades femininas de nossa cidade: Alenilda A. Mendes, Ana Maria de Gouvêa, Natalina Nader, Vera Meireles, Mariazinha Brússolo, Maria Helena Vitorino, que representaram as mulheres de Piquete.

□ O Carnaval de Piquete, organizado pelo Fundo Social de Solidariedade, levou a população às ruas. Os blocos, fruto de trabalho comunitário, apresentaram um desfile de grande criatividade e beleza. Mais uma vez estão de parabéns os organizadores do “Unidos da Vila Célia”, “Unidos da Vila Cristiana”, “Império do Brás”, “Bloco do Pedro do Som” e “Equipungão”. Destaque também para o “Boi do Carnaval”, levado às ruas pelo Anderson “Sugalo” e pela turma da Caixa D’água.

□ Foi realizado, no dia 24-02-01, sábado de Carnaval, o sorteio dos 64 apartamentos da CDHU, que estão em fase de acabamento. O evento contou com a presença de aproximadamente 3000 pessoas e do então governador em exercício, Dr. Geraldo Alckmin, e várias autoridades da região. Em seu discurso, o governador prometeu a construção de mais 32 unidades da CDHU e comentou sobre os problemas financeiros da IMBEL, pelos quais prometeu se empenhar para soluções positivas.

□ No Dia Mundial da Água, 22 de março, por iniciativa do Departamento de Água e Esgoto da Prefeitura Municipal de Piquete, aconteceu no colégio “Profª Leonor Guimarães”, a cerimônia de premiação dos trabalhos sobre o tema, realizados por alunos da rede de ensino do município. Apoiaram o evento o Departamento de Educação da Prefeitura e a Fundação Christiano Rosa.

Mapa Genético

Celso Colombo

O grande acontecimento do mundo científico, neste início de século XXI, é a conclusão dos trabalhos sobre o sequenciamento dos genes que formam o corpo humano (Projeto Genoma). Foram sequenciados e identificados, para surpresa de muitos estudiosos, apenas trinta mil genes, número igual ao encontrado no milho. Com o domínio da tecnologia do sequenciamento dos genes, as portas para a especulação, fantasias e realidades estão abertas. Muitos cientistas defendem a tese de que os caminhos estão abertos para a cura de doenças como o câncer, mal de Parkinson e a inibição de doenças hereditárias. Nessa tese, o homem terá vida muito longa e saudável, mas as consequências dessa longevidade, acreditamos, não estão nos planos de qualquer governo. Por outro lado, outros cientistas defendem a tese de avançar mais e, rapidamente, partir para fazer cópias idênticas (clones) de seres humanos, o que deve acontecer no final deste ano ou no início do próximo. Assim, uma pessoa que venha a ser clonada e tiver uma vida longa, poderá assistir ao nascimento e ao crescimento de sua cópia. Acreditamos que os clones que venham a ser produzidos, réplicas idênticas e perfeitas do doador, terão personalidade bastante diferente, uma vez que viverão em épocas diferentes. Talvez, como em muitos contos de ficção, irmãos gêmeos, enquanto um defende o Bem, o outro pratica o Mal. O final dessa projetada etapa científica escapa das previsibilidades de qualquer pessoa. Mas, em uma ou outra situação, o conhecimento do mapa genético de um indivíduo pode conduzi-lo a uma vida agradável e longa ou lançá-lo ao inferno caso seja identificado nele um forte potencial de doenças. Para esse indivíduo será muito difícil arrumar um emprego, fazer um seguro de vida e, assim por diante. Daí, a necessidade dos governos em começar a elaborar leis que assegurem a privacidade do mapa genético de cada indivíduo. No Brasil, no Congresso Nacional, já existe a Comissão de Bioética, que está elaborando dispositivo legal para assegurar a todo cidadão ética, respeito e disciplina nesse campo fantástico da medicina. Enfim, o cenário do mapa genético é de realidades travestidas de fantasias. E com as discussões polêmicas sobre tudo isso, lembramos o texto bíblico do livro do Gênesis, em que o Criador, julgando que o homem recém-criado precisava de uma companheira, retirou-lhe uma costela e criou Eva. Seria, então, esse ser feminino o primeiro clone do mundo? O processo de clonagem dos cientistas do século XXI lembra em muito o relato bíblico, mas com uma grande diferença: o virtual clone feminino do Gênesis foi produzido a partir de um ser criado à imagem e semelhança do Criador. Já os clones que logo estarão circulando por esse mundo a fora serão criação do homem. E, aí é que mora o perigo. A criação divina tem uma proposta clara; agora, as crias dos humanos terão que propósito?